

ESTRESSE EM PROFESSORAS DE UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

STRESS IN TEACHERS OF A CHILD EDUCATION CENTER

Antonio José Fernandes Ricardo¹

Adrielle Domingos do Amaral²

Márcia de Souza Hobold³

RESUMO

Professores no Brasil têm suas condições de trabalho precárias, por falta de recursos, reconhecimento, intensidade de trabalho entre outras questões que levam a um desgaste emocional e físico causando seu adoecimento com mais facilidade. O estresse trata-se de um fator que afeta tanto a vida pessoal quanto profissional e pode ser o gerador de adoecimento físico e psíquico, como será apresentado neste artigo, que possui como objetivo central apresentar as causas do estresse em professoras de um Centro de Educação Infantil e sua implicação para o exercício do trabalho docente. O artigo agrega os resultados de uma pesquisa qualitativa, decorrente de uma minuciosa busca teórica sobre estresse na educação e consequências na saúde, observações participantes, além de dados de entrevista com quatro professoras que atuam em um Centro de Educação Infantil, localizado em uma cidade de Santa Catarina. Como método de análise de dados foi utilizada a análise em prosa (ANDRÉ, 1983), que prioriza o discurso livre dos entrevistados, ancorada no referencial teórico dos seguintes autores: Nassif (2010), Martins (2007), Gatti (2010), Witter (2003) entre outros, que discutem assuntos relacionados à educação, estresse e adoecimento de professores. Os resultados da pesquisa apontaram que o estresse gerado pelo trabalho ocorre devido a questões que envolvem as crianças (alunos do CEI) e as famílias e que, muitas vezes, o estresse provocado pelo envolvimento nestas questões acarreta contratempos, conflitos e, por consequência, adoecimento e exaustão física e psíquica. As professoras também relataram experiências estressantes vivenciadas em outros CEI's em que atuaram.

Palavras-chave: *professores da educação infantil, estresse, adoecimento docente.*

ABSTRACT

Teachers in Brazil have precarious work conditions due to lack of funding, recognition, work intensity, among other issues that lead to an emotional and physical strain, causing their sickness with greater ease. The stress is a factor that affects personal as well as professional life and can be the generator of physical and psychic illness, as it will be presented in this article, which aims to showcase the causes of stress in teachers from an Early Childhood Center and its implication on the teaching work. This article carries the results of a qualitative

¹ Mestre em Educação pela Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE. Professor concursado na Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina e no Ensino Médio do Senai em Joinville. Membro do GETRAFOR, Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Formação Docente, relacionado com o Mestrado em Educação da Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE.

² Graduada em Psicologia pela Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE

³ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC SP). Realizou estágio de Pós-Doutoramento (CNPq PDJ) também na PUC SP. Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), vinculada ao Departamento de Metodologia de Ensino, do Centro de Ciências da Educação (MEN/CED/UFSC). Integra a Rede Interinstitucional de Pesquisas sobre a Formação e as Práticas Docentes – RIPEFOR, o Grupo de Trabalho (GT 8) de Formação de Professores da ANPEd Nacional, O Grupos de Estudos e Pesquisas sobre o trabalho e a formação docente – GETRAFOR, da UNIVILLE, e, o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento Profissional Docente, da PUC SP.

research, resulting from a thorough theoretical research on stress in education and health consequences, participant observations, as well as interview data from four teachers that work at an Early Childhood Center located in of city the Santa Catarina. Prose analysis was the used data analysis method (ANDRÉ, 1983), which prioritizes free interviewer speech and was anchored on the theoretical framework by the following authors: Nassif (2010), Martins (2007), Gatti (2010), Witter (2003), among others, that discuss subjects related to education, stress and illness on teachers. The research results pointed that the stress generated by the work occurs due to issues that involve the children (ECC students) and their families, and that, very often, the stress caused by involvement in those issues brings setbacks, conflicts and, as a consequence, the illness and physical and psychic exhaustion. The teachers also reported stressful experiences on other ECCs in which they worked.

Keywords: *preschool teachers, stress, faculty illness.*

INTRODUÇÃO

Conforme Ferreira e Goulart (2011, p. 45), “[...] o estresse contribui de forma significativa para a produtividade diminuir e relaciona essa questão à dificuldade de concentração, decisão e esquecimento, podendo alcançar inclusive estafa (esgotamento físico-mental)”.

Considerando que o estresse é um tema relevante quando se trata dos prejuízos causados em funções da vida diária, a pesquisa levantou as características negativas de estar sob tal estado, que pode afetar o desempenho de professoras de um Centro de Educação Infantil.

Segundo Andrade (2012), os professores atuam em uma das profissões que apresentam maior prejuízo no que diz respeito ao estresse, situação que influi diretamente na conduta profissional, gerando desgaste emocional e mal-estar.

A pesquisa foi elaborada frente à necessidade de uma investigação mais apurada sobre as causas do estresse em professoras, que surgiu devido à verificação de indícios de exaustão a partir de uma observação participante realizada no ano de 2015, pelo grupo de estágio de acadêmicas do 4º ano de Psicologia de uma universidade da região nordeste de Santa Catarina, na disciplina de Psicologia Educacional, em um CEI-ONG, localizado em uma cidade do mesmo Estado.

Com a realização desta pesquisa foi possível conhecer melhor os fatores causadores do estresse em professoras da Educação Infantil, assim como o que pode gerar prejuízos à saúde emocional e física das docentes participantes da pesquisa.

As questões levantadas para a realização desta investigação foram: às consequências do estresse em docentes? Os fatores que implicam no trabalho e as estratégias utilizadas para o tratamento dos sintomas do estresse.

O trabalho apresentado conta com a análise em prosa (ANDRÉ, 1983) e valoriza o discurso livre das professoras em associação ao referencial teórico sobre o assunto. Com o objetivo de deixar a leitura mais clara e detalhada em concordância com as falas das entrevistadas, a análise divide-se em temáticas: “as professoras, o caminho na docência e o contexto da família dos alunos”; “envolvimento emocional de professoras e alunos”; e, “adoecimento físico e psíquico na docência”.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Estresse

O estresse trata-se de um aglomerado de respostas a estímulos internos e externos que o organismo enfrenta em circunstâncias que demandam ação de mecanismos mentais individuais, possibilitando um comportamento adequado para preservar o equilíbrio corporal e emocional em determinadas situações (MAFFIA e PEREIRA, 2013).

Segundo Margis *et al.* (2003), quaisquer situações do ambiente podem causar estresse, entre elas, acontecimentos diários relacionados com conflitos em casa, carga de trabalho intensa, dificuldades nos estudos, entre outras situações que, caso ocorram com frequência, podem provocar grande desconforto psíquico. O modo com que o indivíduo lidará com o estresse em diversas situações dependerá da forma com que “[...] filtra e processa a informação e sua avaliação sobre as situações ou estímulos a serem considerados como relevantes, agradáveis, aterrorizantes etc.” (MARGIS *et al.* 2003, p. 66).

Os efeitos negativos do estresse implicam em “[...] déficits de memória e na diminuição da neuroplasticidade e, conseqüentemente, no desenvolvimento de doenças neurodegenerativas, como doença de Alzheimer” (KAPCZINSKI; IZQUIERDO e QUEVEDO, 2009, p. 67), além de transtornos de ansiedade e outras patologias.

Pesquisas relacionadas ao estresse procuram identificar causas organizacionais, que podem ter diversas variáveis que se devem tanto a fatores físicos como a fatores psicossociais que, atualmente, são os maiores alvos das pesquisas sobre a temática.

De acordo com Paschoal e Tamayo (2004, p. 46):

Entre os estressores psicossociais, destacam-se os estressores baseados nos papéis, os fatores intrínsecos ao trabalho, os aspectos do relacionamento interpessoal no trabalho, a autonomia/controle no trabalho e os fatores relacionados ao desenvolvimento da carreira.

Segundo Valle (2011), o estresse é um distúrbio que além de grave não ameaça apenas condições da vida pessoal do profissional. Como exemplo, no caso de educadores, trata-se de uma questão que repercute no meio social, pois, os estudantes (crianças, jovens e adultos) dependem do seu trabalho e de seu bem-estar para atuação prática.

O Estresse e as condições do trabalho docente

Oliveira e Freitas (2014) argumentam que no Brasil, o trabalho de práticas educacionais se difere de outros países por sua situação, o que gera um maior desgaste dos profissionais, pois “[...] as condições de trabalho dos docentes brasileiros, a exemplo das condições de trabalho de docentes americanos e europeus, são precárias, sendo apontadas como geradoras de adoecimento físico e psicológico” (*Idem*, 2014, p. 13).

Mudanças relacionadas ao trabalho docente nas escolas têm gerado uma grande preocupação no que diz respeito à valorização do profissional, pois, há muita exigência em termos do envolvimento do professor nos novos processos empregados no ensino, acarretando sobrecarga em diversos fatores para a equipe e esquecendo que a qualidade do trabalho é essencial para a melhora nos processos de ensino e aprendizagem. Segundo Oliveira (2004, p.1132):

O professor, diante das variadas funções que a escola pública assume, tem de responder a exigências que estão além de sua formação. Muitas vezes esses profissionais são obrigados a desempenhar funções de agente público, assistente social, enfermeiro, psicólogo, entre outras. Tais exigências contribuem para um sentimento de desprofissionalização, de perda de identidade profissional, da constatação de que ensinar às vezes não é o mais importante.

A demanda atual de professores é maior devido ao aumento da população na escola, porém os números apontam que faltam profissionais atuando, tornando as condições de trabalho mais uma vez precárias que, por sua vez, ocasionam o adoecimento de muitos professores (GASPARINI, BARRETO e ASSUNÇÃO, 2005).

Segundo Oliveira e Freitas (2014), em uma pesquisa exploratória realizada com 1.492 professoras, os resultados apontaram que:

O sofrimento se dá pelo esgotamento emocional, pelo alto nível de exigências que lhes são imputadas, pelo desgaste e frustração por falta de reconhecimento da importância do trabalho para a sociedade e pelo desrespeito. Agregados a isto estão o baixo salário, visto que, dentre outras profissões, a de professor apresenta uma das menores remunerações, e, por fim, o estresse causado pelo intenso trabalho e cobrança da própria instituição, além das situações de insegurança física, entre outros constrangimentos enfrentados pelos professores (2014, p. 96).

Aliada à cobrança dos centros de educação, a pressão dos pais também exercida sobre a prática do trabalho docente gera “diversos estressores psicossociais, alguns relacionados à natureza de suas funções, outros relacionados ao contexto institucional e social onde estas são exercidas”. (CARLOTTO, 2002, p. 21).

De acordo com Oliveira e Freitas (2014), o professor deseja ter seu trabalho reconhecido pelo esforço gerado em suas funções e quando isto não ocorre, muitas vezes “a responsabilidade exigida passa a ser percebida como uma sobrecarga, geralmente experimentada como um conflito, que acaba por repercutir negativamente na saúde” (*Idem*, 2014, p. 14).

Conforme Carlotto (2002), o estresse pelas funções exercidas muitas vezes provoca mal-estar tanto para o professor quanto para o aluno, que pode ter sua aprendizagem prejudicada devido à queda no desempenho das atividades do docente e em acordo com a importância da problematização destas questões.

A pesquisa realizada neste artigo, por meio de entrevistas com professoras da Educação Infantil, levanta discussões acerca das dificuldades encontradas pelas professoras em um Centro de Educação Infantil no que diz respeito ao estresse e ao adoecimento, com o objetivo de conhecer as causas, suas implicações e proporcionar melhor conhecimento sob a perspectiva de quem convive com a educação.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Segundo Rodrigues (2007), a análise qualitativa visa descrever e analisar os dados coletados, interpretando os fenômenos e atribuindo significados relacionados ao que foi pesquisado e que, segundo Ludke e André (1986, p. 44):

São cinco as características básicas da pesquisa qualitativa, chamada, às vezes, também de naturalística: a) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; b) os dados coletados são predominantemente descritivos; c) a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; d) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador; e, e) a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

Para a pesquisa qualitativa foram realizadas entrevistas referentes ao estresse, estratégias de enfrentamento e dificuldades encontradas no trabalho das professoras participantes, para uma melhor compreensão, entendimento e corroboração com a realidade do tema pesquisado.

Esta pesquisa teve como instrumento para a coleta de dados um roteiro de entrevista semiestruturada com perguntas abertas, que segundo Manzini (2004), compõem-se de questionamentos que são baseados em teorias que se associam ao tema da pesquisa e que “está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista” (p.2). Também como forma de coleta de dados, utilizou-se informações adquiridas a partir da observação participante, inicialmente realizada durante dois meses no ano de 2015, depois em um estágio realizado durante oito meses na mesma instituição. De acordo com Boni e Quaresma (2005, p.71):

A observação participante se distingue da observação informal, ou melhor, da observação comum. Essa distinção ocorre na medida em que pressupõe a integração do investigador ao grupo investigado, ou seja, o pesquisador deixa de ser um observador externo dos acontecimentos e passa a fazer parte ativa deles.

Para a análise das entrevistas foi realizada a construção de um diálogo teórico com as observações participantes e respostas obtidas, a fim de constatar ou não a realidade discutida pelos referenciais teóricos.

A entrevista contava com 10 perguntas que levaram em consideração o levantamento de informações de artigos, teses de mestrado e doutorado disponibilizados na *web* pelo *Google* acadêmico, nos bancos de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e também pelos objetivos e questões da pesquisa. O roteiro de entrevista foi submetido a um pré-teste com uma professora de outra instituição da Rede Municipal de Ensino de uma cidade de Santa Catarina antes da aplicação às professoras do CEI e adequado, posteriormente, para a aplicação final.

A pesquisa foi aplicada no próprio Centro de Educação Infantil onde as professoras trabalham. Quatro professoras já graduadas aceitaram participar da entrevista, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Após a finalização das entrevistas, foi realizada a análise dos dados obtidos por meio do método conhecido por “análise em prosa” (ANDRÉ, 1983). De acordo com a autora a análise em prosa, em um sentido mais amplo que a análise de conteúdo, inclui “o tipo de informação geralmente obtida através de observação participante, questões abertas em entrevistas e questionários, análise de documentos de material áudio visual, e etc.” (ANDRÉ, 1983, p.67). Para esta mesma pesquisadora:

A análise em prosa é aqui considerada uma forma de investigação do significado dos dados qualitativos. É um meio de levantar questões sobre o conteúdo de um determinado material: O que é que este diz? O que significa? Quais suas mensagens? E isso incluiria naturalmente, mensagens intencionais e não intencionais, explícitas ou implícitas, verbais ou não verbais, alternativas ou contraditórias.

No decorrer do artigo não será mencionado o nome verdadeiro das professoras participantes da pesquisa e do Centro de Educação Infantil, que serviu de lócus para a realização da mesma, visando preservar a identidade das professoras e da instituição educativa. No lugar dos nomes será utilizado um codinome que foi escolhido como forma de identificação pelas quatro professoras participantes da pesquisa. Além disto, para o relato das entrevistas ao longo da análise de dados, as perguntas e respostas serão identificadas com a letra “P” para pesquisadora e a letra “E” para as professoras entrevistadas.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

As professoras, o caminho na docência e o contexto da família dos alunos

As quatro professoras que aceitaram participar da pesquisa foram mencionadas pela coordenação do Centro de Educação Infantil (CEI) para sua participação. Ou seja, a coordenação do CEI indicou-as dizendo que elas haviam apresentados sintomas de estresse. Diante desta informação, cada professora foi consultada sobre o interesse pela participação na pesquisa e, prontamente, aceitaram o convite.

As entrevistas foram realizadas no próprio CEI. As entrevistadas têm em média 40 anos, experientes na docência, apesar de não dispor de muitos anos de formação, tendo em média seis anos e meio de formação. A tabela 1 demonstra o perfil das participantes:

Tabela 1 – Perfil das professoras participantes da pesquisa

NOME (fictício)	IDADE	ANOS DE FORMAÇÃO E ATUAÇÃO
Pati	37 anos	6 anos de formação e atuação
Liliti	37 anos	6 anos de formação e atuação
Vitória	44 anos	10 anos de formação e 12 anos de atuação
Eloísa	42 anos	5 anos de formação e 17 anos de atuação

Fonte: Primária (2016).

As professoras foram questionadas quanto à escolha em trabalhar com crianças. Conforme demonstrado na tabela 1, duas das professoras já atuavam antes da formação. As mesmas explicaram que faz pouco tempo que a graduação em pedagogia é exigida para atuar na docência da Educação Infantil e, para que continuassem exercendo a profissão, foi necessário realizarem a graduação, conforme os seguintes relatos:

P – Porque você escolheu trabalhar com crianças?

E – *“Sempre quis ser professora, um sonho de criança. Na época não era exigência ter graduação e fiz magistério, atuei dois anos antes de me tornar professora.” (VITÓRIA)*

“Gosto de crianças... gostava de contar histórias, fiz uma capacitação na época que comecei a atuar em 1999, deixei do CEI por um período e quando voltei era necessário fazer pedagogia.” (ELOISA)

Segundo Gatti (2010), a formação em nível superior para professores passou a ser fundamental somente em 1996, e para adequação, foi concedido um prazo de dez anos para nova norma. Em 2006, as diretrizes para formação em pedagogia mudaram. Os professores graduados em pedagogia passaram a ser capacitados para educação infantil e para séries iniciais do ensino fundamental (1ª a 4ª série). Para os demais anos, passou a ser necessária a realização de especializações em disciplinas específicas ou licenciatura direcionada a apenas uma disciplina.

As professoras Pati e Liliti começaram atuar logo depois da graduação e escolheram a profissão por motivos diferentes, como relataram:

E – *“Nunca sonhei em ser professora, fiz pedagogia por necessidade porque na época trabalhava com crianças pela coordenação da igreja, depois que comecei a lecionar me apaixonei e permaneci na profissão.” (PATI)*

“Pelo bom desenvolvimento da minha filha na Educação Infantil. Quando minha filha ia para o CEI eu passava um tempo esperando ela e com isso passei observar a rotina e acabei me interessando.” (LILITI)

As professoras também foram questionadas sobre dificuldades que encontram no trabalho com a equipe no CEI. Diante deste questionamento, Vitória e Eloisa relataram algumas dificuldades que se concentram na comunicação, divergência de ideias e opiniões diferentes entre elas. Como decorrência de tais dificuldades podem ser citados possíveis conflitos na equipe e desconforto no ambiente de trabalho, bem como questões emocionais que afetem diretamente a produção das professoras.

P – Você possui algum tipo de dificuldade com sua equipe de trabalho? Quais?

E – *“Sim, pensamentos diferentes dentro da equipe.” (VITÓRIA)*

“Dificuldade em aceitar a opinião umas das outras, o que acaba dividindo a equipe.” (ELOISA)

Thurler e Perrenoud (2006, p. 367) fazem considerações sobre a prática de professores, dizendo que: “o individualismo é a figura dominante do ofício de professor”. Apesar disto, Witter (2003), afirma que um ambiente que propicie a motivação do docente,

facilita sua interação e bom desempenho profissional, pois tal ambiente implica no oferecimento de condições que atendam às necessidades de cada indivíduo.

Em contrapartida ao que Vitória e Eloisa disseram, as professoras Pati e Liliti afirmaram não possuírem problemas atualmente com a equipe de trabalho, ou seja, não mencionaram nada que afete o desempenho profissional:

“Não, nenhuma dificuldade que prejudique meu desempenho, somente divergência de opiniões.” (PATI)

“Não atualmente, mas já tive dificuldade de relacionamento por conta da falta de conexão/compatibilidade nas ideias.” (LILITI)

Conforme relatado pelas professoras Pati e Liliti, elas não apresentam muitas dificuldades com a equipe de trabalho, no entanto, em relação à discussão sobre as dificuldades em trabalhar com as crianças, mesmo todas as docentes dizendo se sentirem bem e realizadas, relataram dificuldades, como complicações na abordagem com os pais e em certos comportamentos de algumas crianças, como se segue:

P – Como você se sente trabalhando com crianças e quais são suas maiores dificuldades?

E – *“Amo o que faço, mas sinto dificuldade em lidar com os comportamentos de algumas crianças por conta da criação recebida pelos pais. Não acredito que é a criança que tem problema, mas sim a forma como o pai lida com a criança em casa.” (PATI)*

“Sinto-me realizada, mas a maior dificuldade que sinto é de que as pessoas entendam que a educação infantil acontece dentro e fora do CEI, sinto a falta de parceria dos pais, cooperação.” (LILITI)

“Sinto-me bem, percebo que as dificuldades aparecem no dia-a-dia, mas algumas crianças apresentam comportamentos que dificultam o manejo e sinto falta de interesse dos pais nos problemas dos filhos.” (VITÓRIA)

“Realizada, mas sinto resistência dos pais... aos pais aceitarem que os filhos precisam de ajuda.” (ELOISA)

De acordo com De Lima (2009, p.8):

Tanto a família quanto a escola deve viabilizar relações pautadas na afetividade e no adequado desempenho de papéis. As crianças ao viverem ora como aluno, ora como filho, aprendem as normas sociais e éticas e compreendem o seu lugar no mundo. Se os adultos se eximirem da sua tarefa educativa, a criança encontrará dificuldades na construção do ser “sujeito” e dificilmente entenderá o mundo e seu funcionamento. O que uma família tem que fazer nenhuma escola consegue substituir, por melhor que seja; o que a escola tem que fazer as famílias não conseguem, mesmo sendo educadoras.

De Lima (2009) explica que o bom desenvolvimento da criança depende do trabalho em conjunto entre escola e família, pois uma depende da outra, questão que foi

apontada pelas entrevistadas, que dizem não perceber esta parceria dos pais, motivo que acaba gerando um empecilho para o bom desempenho na educação. As críticas seguem nos relatos das professoras, relacionadas à dificuldade no acesso aos pais:

P – Você sente alguma dificuldade quando precisa conversar com os pais?

E – *“Sim, casos isolados, pois acabam desgastando, muitas vezes noto falta de interesse dos pais em seus filhos.” (PATI)*

“Sinto dificuldade em abordar os pais, por não saber qual será sua reação, principalmente no primeiro contato.” (LILITI)

“Existem pais acessíveis e outros não, mas muitas vezes a resistência dos pais é resultado de algum conflito da professora com o filho.” (VITÓRIA)

“Até consigo conversar, mas dificilmente os pais aceitam e dão seguimento às sugestões.” (ELOISA)

Nassif (2010) argumenta que muitos professores tentam fazer contato com os pais, mas esse contato geralmente não é satisfatório e acaba prejudicando a relação professor-família e, por consequência, questões relacionadas aos próprios alunos.

Quando os professores percebem algum tipo de dificuldade em lidar com o comportamento dos alunos e recorrem à família, percebem que a dificuldade se agrava, pois, ainda segundo Nassif (2010, p. 39):

[...] há muitos professores que relutam em chamar os pais e ficam bastante ansiosos quando isso se faz necessário. Alguns sentem como se fosse mexer “num abelheiro”, porque sabem ou pressentem que, por trás da dificuldade apresentada pela criança, pelo aluno, existe um conflito familiar, ou porque já foram alertados pelos colegas que já mantiveram anteriormente contato com a família, e esta demonstra resistência em aceitar e procurar soluções para o que lhe é apresentado. Neste sentido, observa-se, muitas vezes, que os educadores colocam os fatos de forma muito branda, omitindo ou atenuando situações sem fornecer uma visão real e clara dos acontecimentos ocorridos em sala de aula.

A dificuldade mencionada pelas professoras entrevistadas condiz com o referencial teórico do assunto sobre as dificuldades na comunicação com os pais de seus alunos, pois trazem os problemas encontrados nesta comunicação, apontando a resistência dos pais em participar do desenvolvimento dos filhos e em aceitar que os filhos apresentam comportamentos diferentes das demais crianças.

Cardoso (2007) afirma que, com o passar dos anos, as famílias, alegando que possuem pouco tempo para cuidar do ensino dos filhos, designaram aos professores obrigações além de suas funções, como a transmissão de normas, cuidados, padrões e valores que antes faziam parte da educação recebida em casa.

Para Petrucci, Borsa e Koller (2016), a família e a escola são de importância crucial para as crianças, pois quando a relação entre estes dois ambientes de convivência da criança se encontra em harmonia, produz contribuições “para a promoção de competências socioemocionais e para a redução de problemas de comportamento internalizantes e externalizantes” (p.392).

Envolvimento emocional de professoras e alunos

Segundo Vygotsky (1991), as interações sociais estão intimamente ligadas à construção do conhecimento, portanto Vygotsky traz os conceitos de *mediação* e *internalização*, que são conceitos fundamentais para a aprendizagem e significam a forma como as informações são transmitidas pelo professor para a criança e como a criança apreende essa informação. Essa construção entre *mediação* e *internalização* da aprendizagem possui relação com o modo com que essa informação será recebida. Para Leite (2012), o professor produz impactos afetivos muito fortes nos alunos, o que facilita o estabelecimento de vínculo e as relações ensino-aprendizagem.

Segundo as professoras, elas atuam como pedagogas por gostar da profissão e quando indagadas, disseram se sentirem confortáveis trabalhando. A professora Pati relata uma dificuldade atual do CEI, já a professora Vitória relatou sobre o carinho recebido das crianças no trabalho, que a faz se sentir bem atuando na profissão e é uma questão crucial para o trabalho na pedagogia:

P – Atualmente você se sente confortável em sua função? Por que?

E – “ Atualmente o CEI passa por dificuldade financeira, o que prejudica um pouco o acesso a algumas coisas que melhorem o trabalho, porém, me sinto confortável porque é o que quero fazer e tenho total liberdade para desempenhar meu trabalho.” (PATI)

“Sim, pois realizo os objetivos propostos por mim.” (LILITI)

“Sim, por ver resultado no trabalho e receber o carinho das crianças”. (VITÓRIA)

“Sinto-me confortável, pois recebo apoio na equipe.” (ELOISA)

Para Miranda (2008) a relação professor-aluno é muito importante para a evolução de competências estudantis e sociais do aluno e deve ser vista de forma humana, valorizando a afetividade onde essa relação possa servir como “base para o desenvolvimento cognitivo e psíquico em sala de aula” (p. 1).

Ainda segundo a autora, a afetividade faz o aluno criar confiança em seu professor, “neste sentido constata-se que a afetividade é fundamental no processo de ensino

aprendizagem, pois, todo o processo do desenvolvimento humano passa pelo aspecto social juntamente com a cognição, com o afeto e com a moral” (MIRANDA, 2008, p. 11).

Em conversa com as professoras entrevistadas e em observações realizadas no CEI, todas demonstram afetividade para com seus alunos, muitas vezes tomando para si os problemas dos alunos devido às condições de algumas crianças que se encontram em condições sociais precárias ou com falta de cuidados familiares, entre outras situações. Além disto, as professoras relataram sentir que algumas crianças recebem pouco afeto em casa e, quando vão para o CEI, procuram mais atenção. Elas percebem a falta de atenção dos pais como um sinal da carência afetiva das crianças, e devido a isto, elas sentem o dever de se dedicarem mais.

Segundo Alves-Mazzotti (2008, p. 527), em uma pesquisa realizada com professoras em uma escola pública nos anos iniciais sobre o sentido de “dedicação”, ela relata que:

As professoras consideram que ser professor hoje é um grande desafio, uma tarefa árdua, que requer muita dedicação e força de vontade para não desistir, porque as responsabilidades são muitas e o apoio é praticamente nenhum. Entre os motivos que as fazem se sentir dessa maneira com relação à profissão, destacam-se a carência extrema das crianças, as mudanças na família, a situação social e econômica do País, a violência endêmica, a crise de valores, a precariedade de recursos que encontram nas escolas e a desvalorização do professor.

Alves-Mazzotti (2008) afirma que os resultados de sua pesquisa indicaram que as professoras veem o sentido de “dedicação” na forma maternal, de cuidado e proteção, questão que está de acordo com o sentimento apresentado pelas professoras entrevistadas.

Um fato importante comentado pelas docentes foi o envolvimento emocional delas para com seus alunos. Disseram que ocasionalmente se envolvem muito com as questões particulares das crianças, como se fossem seus próprios filhos. Elas acreditam que, ao mesmo tempo em que essa relação afetiva beneficie o aluno, também possa causar consequências, pois se veem limitadas a fazer algo além do CEI, e consideram que, muitas vezes, essa relação afetiva tão próxima pode causar prejuízo emocional às próprias professoras. Para explicitar melhor esta situação apresenta-se o relato de uma das professoras entrevistadas que sofreu as consequências pelo estabelecimento de uma relação afetiva muito próxima com uma das crianças de um CEI que trabalhou há aproximadamente três anos. Esta professora, que mantém este fato em segredo, conta que uma criança ficou gravemente doente, com risco de morte, e ela se comoveu tanto com o caso ao ponto de adoecer psicologicamente.

Adoecimento físico e psíquico na docência

Diante da questão adoecimento e estresse, as entrevistadas foram questionadas se sabem identificar quando estão sob o estado de estresse, o que sentem e como lidam com estes sintomas. Todas as professoras disseram saber identificar tal estado, como expuseram:

P – Você sabe identificar quando está estressada? O que você sente nestes momentos?

E – “*Sim, fico bastante irritada e cansada.*” (PATI)

“*Sim, sinto falta de ar.*” (LILITI)

As professoras Vitória e Eloisa ainda complementaram suas respostas, dizendo a forma como percebem que estes sintomas se manifestam e o que pode ocasionar. A professora Vitória conta que o estresse gera prejuízos para seu bem-estar. Por sua vez, como registrado a seguir, Eloisa diz que desconta o estresse na família:

E – “*Sim, fico bastante ansiosa, até voltei a fumar por um período, noto comer mais também.*” (VITÓRIA)

“*Sim, no tratamento em casa com a família, muitas vezes por reclamações e por ficar mais irritada.*” (ELOISA)

A pedagogia é uma profissão ainda predominantemente feminina e de acordo com Martins (2007), as mulheres apresentam sintomas de estresse diferenciados dos homens e mais acentuados por conta da diferença em seu sistema reprodutor, que variam de dores pélvicas a cólicas, baixa-estima, assim como ansiedade, preocupação além da média, entre outros.

Ainda segundo Martins, pesquisas apontam que “ensinar é uma das ocupações altamente estressantes, com reflexos negativos e evidentes na saúde física e mental, bem como no desempenho profissional dos professores” (2007, p.118).

Também foi comentado pelas entrevistadas o modo que lidam com os sintomas do estresse e foi constatado que elas se utilizam de recursos diferentes, como música e família, mas partem para o isolamento no sentido de ficarem sozinhas e, assim, conseguem diminuir a manifestação dos sintomas:

P – De que forma costuma lidar com os sintomas do estresse?

E – *Prefiro ficar quieta e evito falar.*” (PATI)

“*Costumo comer coisas que eu gosto e escutar música no fone de ouvido para me ‘desligar’.*” (LILITI)

“*Buscando o apoio da família, dos amigos e na leitura.*” (VITÓRIA)

“*Procuro caminhar sozinha, me isolar e ir à igreja.*” (ELOISA)

As professoras relataram que, muitas vezes, não sabem distinguir quando o estado de estresse leva ao adoecimento. Nas entrevistas disseram não receber na graduação orientação a respeito do adoecimento físico e psicológico e sentem falta de terem mais informações a respeito. Afirmam que a falta de informação faz com que não saibam identificar que situações do trabalho, por vezes, causam prejuízos à saúde. Para Witter (2003, p. 37)

[...] o estresse do professor tem muita relação com a sua formação acadêmica, que deve capacitá-lo muito bem em Psicologia em tópicos diversos como: tecnologia do ensino, capacidade de planejar e garantir sua educação continuada, conhecimento científico das variáveis que influem em docentes e alunos, e mesmo em conhecimento de metodologia científica para que possa trabalhar com mais segurança, assumir os riscos nas inovações, testando-as adequadamente etc. A sala de aula é um laboratório e o docente deve ser um pesquisador capaz de contribuir para que se conheça cada vez mais sobre o que nela ocorre, seus personagens, o ensino-aprendizagem, as relações interpessoais, os materiais, a organização, a ergonomia etc. O professor deve estar preparado para trabalhar com todos estes aspectos, estes pacotes de variáveis, usando estratégias comportamentais que evitem os efeitos negativos dos estressores que estão associados a esta variedade de situações. Precisa ter competência para pesquisar a realidade em que atua e avaliar cientificamente o impacto de sua ação.

Quando questionadas sobre os desgastes físicos e psíquicos da profissão atualmente afirmaram não identificar desgastes psicológicos. Em relação aos desgastes físicos, dizem possuir dificuldade em relacioná-los ao estresse ou às próprias atividades do CEI, por se tratar um trabalho com crianças e que, naturalmente, se exige mais dinâmica e energia. Apenas a professora Vitória comenta sobre o estresse da profissão como um desgaste.

P – Já notou algum desgaste físico/psíquico que possa ter sido gerado pelo seu trabalho? Quais?

E – *“No início da profissão me envolvia mais emocionalmente com as crianças, agora sei que dificilmente vou conseguir mudar a casa delas, então faço o melhor que posso em sala e, fisicamente, sinto dor nas costas e no corpo.” (PATI)*

“Atualmente não sinto desgaste e as dores são pela falta de exercício físico, mas já adoeci psiquicamente por uma situação do trabalho.” (LILITI)

“Dores na coluna e o próprio estresse da profissão, pois hoje em dia as crianças são mais difíceis.” (VITÓRIA)

“Sim, sintomas gastrointestinais, insônia e roer as unhas.” (ELOISA)

Christophoro e Waidman (2002) apontam que o estresse ocupacional constante pode ser a causa de uma condição chamada *burnout*, que significa “esgotamento”, quando uma pessoa “para de funcionar” em seu estado normal, por esgotamento que pode comprometer a qualidade de vida do acometido.

Segundo Souza *et al.* (2011, p. 1116)

Entre os profissionais mais sensíveis à síndrome, é o professor a categoria mais estudada e mais suscetível à síndrome de *burnout*. Movida pelas crenças nas possibilidades de transformação pela educação, ela seria mais vulnerável ao desenvolvimento da síndrome de *burnout*, pois haveria um descompasso entre as expectativas profissionais e a impossibilidade de alcançá-las. Da mesma forma, as perspectivas sociais, familiares e dos dirigentes do sistema educacional para que os professores tenham um desempenho que seja capaz de superar as diversidades culturais e sociais, sem lhes dar condições para atingi-lo, contribuem para gerar ansiedade, estresse e acabam por levar ao *burnout*.

As professoras foram indagadas sobre já terem notado adoecer devido a situações do trabalho. A professora Pati disse não perceber se já adoeceu, ao contrário da professora Liliti que já apresentou doenças mais graves por situações do trabalho. A professora Vitória atualmente passa por uma questão delicada com um dos alunos do CEI, fato que foi comentado pela professora. Já a professora Eloisa vem apresentando um quadro de insônia que já perdura há algum tempo:

P – Você acredita já ter adoecido devido ao estresse provocado por algumas situações do seu trabalho?

E – “Não me lembro de ter chegado ao ponto de adoecer, ou já adoeci devido ao estresse, mas acabei não relacionando.” (PATI)

“Sim, já fiquei afastada para tratamento psicológico durante 6 meses, tive Síndrome do Pânico, Depressão e Transtorno de Ansiedade por conta de uma situação com uma criança do CEI que trabalhava na época.” (LILITI)

“Só noto que algumas situações me deixam mais para baixo.” (VITÓRIA)

“Sinto dores abdominais em situações de muito estresse, atualmente tenho insônia e tenho dores de cabeça.” (ELOISA)

Em nenhum dos momentos da entrevista as professoras disseram procurar ajuda profissional por sintomas do estresse. Informaram que praticam métodos que ajudam momentaneamente na diminuição do estresse, pois quando voltam ao CEI ou acontece qualquer situação mais preocupante, os sintomas de estresse reaparecem. Procuram profissionais da saúde quando necessitam tratar de doenças já instaladas, como o caso relatado pela professora Liliti que chegou ao nível de exaustão do estresse. Já a professora Eloisa quando questionada em outro momento sobre a procura de um profissional para tratar os sintomas de estresse, comentou acreditar que seus sintomas fazem parte de um quadro comum de estresse então não procura ajuda, porém, relata que apresenta um estado que necessita de cuidados.

As docentes também comentaram sobre os prejuízos que acreditam que o estresse pode gerar para suas vidas. Três das professoras relataram que temem ficar isoladas/afastadas

de outras pessoas e, isso seria prejudicial em suas relações profissionais e familiares. Apenas a professora Eloisa acredita que o estresse possa causar adoecimento físico. Não menciona o adoecimento psicológico neste caso.

P – De que modo você acha que o estresse possa prejudicar as suas funções ou até questões da sua vida pessoal?

E – “O ambiente estressante me faz ficar mais isolada, tanto no trabalho, evitando falar, como em casa, às vezes também acontecem atritos desnecessários com os meus filhos.” (PATI)

“Dificulta o diálogo para resolver questões e falta de esclarecimento para resolvê-las também.” (LILITI)

“Deixar o estresse te consumir, ficar irritada com tudo dificultando a relação familiar e o isolamento.” (VITÓRIA)

“Adoecer fisicamente e o isolamento social.” (ELOISA)

Segundo, Witter (2003, p. 35):

Quando a escola é motivo de constante frustração para o docente as consequências tendem a ser negativas. Ocorrendo a frustração, a impossibilidade de atingir metas ou objetivos pessoais, gera-se o estresse e outros comportamentos negativos como a agressão, a fuga, a esquiva (faltas, absenteísmo, doença), persistência em respostas inoperantes, desvio de atenção e de compromisso, negação do fato, mudanças constantes de plano de ação e de estratégia, falta de adesão ao projeto pedagógico, crítica pela crítica, oposição descabida etc.

O isolamento social foi uma questão recorrentemente citada pelas professoras e possui relação com o afastamento do exercício profissional, além do afastamento social em si. Para melhor entender esta situação De Araújo *et al.* (2006, p.7) explicam que [...] “os distúrbios psíquicos são relativamente comuns, duradouros ou transitórios e recorrentes, mas raramente fatais. Não afetam, portanto, a sobrevivência dos pacientes, mas podem afastar o professor de suas atividades”.

De acordo com Batista *et al.* (2010, p. 241)

Espera-se da escola e, principalmente, do docente, a formação de um profissional flexível e polivalente. No entanto, para que isso aconteça, muitas vezes são realizadas restrições das políticas educacionais com efeitos diretos nas atividades dos professores, no modo de execução de sua atividade e em sua própria saúde. O professor é impedido de executar seu *mister* com adequação, é vítima de ambientes insalubres para o trabalho e como resposta, uma má qualidade de vida e de ensino. Uma série de forças converge para o surgimento de uma categoria vulnerável às condições nocivas para a saúde decorrente de macro e microcontextos socioambientais geradores de adoecimento.

Conforme Valle (2011, p. 68), diante deste contexto que provoca adoecimento, seria adequado que as instituições que empregam o professor planejassem meios para assegurar “[...] a saúde e a qualidade de vida de seus trabalhadores, uma vez que o excesso de

exigências associadas às atividades de trabalho pode ocasionar doenças que variam entre transtornos psicológicos, cognitivos e físicos”.

Segundo Lipp (2000, p. 12)

Quando o stress já atingiu o nível de propiciar o aparecimento de doenças, o aconselhável é um tratamento interdisciplinar em que o médico, especialista no órgão adoentado, e o psicólogo, especialista na área do stress, se unam para melhor tratar o paciente que sofre de uma condição em que corpo e mente se mesclam em união completa.

Lipp (2000) faz uma crítica na qual afirma que os profissionais de saúde não indicam a seus pacientes que sofrem de estresse a procura da psicoterapia individual especializada, sinal de que não levam a sério o estresse e suas complicações, o que pode acarretar maiores prejuízos na saúde física e emocional dos pacientes.

A autora ainda relata que o psicólogo não irá cuidar das condições físicas que ocorrem devido ao estresse e sim da estrutura emocional que gera a condição de doença, o levando a conhecer as motivações da causa e possibilitando seu tratamento (LIPP, 2000).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados da pesquisa, pode-se concluir que as professoras entrevistadas não apresentam muitas dificuldades em assuntos relativos ao manejo com as crianças em sala de aula. Houve mais indicação de dificuldade da relação com os pais/responsáveis dos alunos em relação aos comportamentos apresentados por algumas crianças. Relataram sentir receio quanto à aceitação dos pais a críticas e sugestões e, por este motivo, às vezes, acabam deixando de falar sobre questões importantes. As professoras afirmaram que o resultado desta dificultosa relação gera prejuízos tanto para as crianças como para as próprias docentes, que acabam se envolvendo emocionalmente com questões particulares dos alunos, podendo prejudicar a prática profissional e a vida pessoal.

Também foram constatadas, pelos depoimentos das docentes, as dificuldades que possuem em entender sobre o estresse e seus sintomas e apenas uma das quatro docentes soube relacionar o estresse a um período difícil no trabalho, onde teve graves consequências. Contudo, esta professora relatou que só percebeu que necessitava de ajuda profissional quando chegou ao limite da resiliência. Já outra docente, que associa o estresse ao trabalho, não acredita que possa ser algo muito prejudicial à sua saúde, portanto, não procura ajuda profissional. As professoras desconhecem que o estresse contribui para gerar adoecimento físico e psicológico e atribuem esse desconhecimento à falta de formação profissional.

Quando identificam estar sob estado de estresse, tratam os sintomas de forma vaga, sem procurar ajuda especializada.

Foi possível notar durante a pesquisa e pelas observações participantes realizadas no CEI que, algumas das professoras entrevistadas manifestam sintomas da fase de quase-exaustão do estresse, que segundo Lipp (1996), é a fase que antecede a fase de exaustão caracterizada pelo enfraquecimento do indivíduo, quando este já não consegue lidar de forma adequada com o agente estressor. Mesmo que algumas das professoras entrevistadas não possuam consciência de estar em estado de quase-exaustão ou já exaustão do estresse, apresentam sintomas como: irritabilidade, prejuízo no relacionamento interpessoal, dificuldade de relaxar, hipersensibilidade emotiva, ansiedade, insônia e baixa-estima, condições que podem ou já estão gerando adoecimento físico e/ou psicológico.

Em síntese, este artigo deixa questões relevantes para que sejam mais bem discutidas e aprofundadas, tais como: dificuldades nas relações família e Educação Infantil, prejuízo nas relações maternas entre professoras e alunos da Educação Infantil e o isolamento como sintoma do estresse em professoras. Portanto, concordando com a afirmação de Witter (2003, p. 44), de que existe “[...] necessidade de se conhecer melhor as variáveis das condições de trabalho que geram estresse no professor”, pois “[...] sem este conhecimento é inviável planejar, executar e avaliar programas de prevenção e de intervenção que realmente sejam eficientes”. Esta pesquisa deixa questões para que possam contribuir no esclarecimento da situação do professor no Brasil, assim como fornecer informações que sirvam de base para trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. **Representação do trabalho do professor das séries iniciais: a produção do sentido de "dedicação"**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 89, n. 223, 2008.

ANDRADE, Lucas Veras de. **MAL-ESTAR E ATIVIDADE DOCENTE: UM ESTUDO COM PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL**, Trabalho & Educação, Belo Horizonte, v.21, n.1, p.65-82, jan./abr.2012.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Texto, contexto e significados: algumas questões na análise de dados qualitativos**. Cadernos de pesquisa, n. 45, p. 66-71, 2013.

BATISTA, J. B. *et al.* **O ambiente que adoce: condições ambientais de trabalho do professor do ensino fundamental**. Cadernos Saúde Coletiva, v. 18, n. 2, p. 234-42, 2010.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Em Tese, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

CARDOSO, Andréa Maria Bittencourt Lucena *et al.* **Análise do funcionamento da Comunicação na Relação Escola/Família na Escola Marco Inicial.** 2007.

CARLOTTO, Mary Sandra. **A síndrome de burnout e o trabalho docente.** Psicologia em estudo, v. 7, n. 1, p. 21-29, 2002.

CHRISTOPHORO, Rosangela; WAIDMAN, Maria Angelica Pagliarini. **Estresse e condições de trabalho:** um estudo com docentes do curso de enfermagem da UEM, Estado do Paraná. Acta Scientiarum. Health Sciences, v. 24, p. 757-763, 2002.

DE ARAÚJO III, Tânia Maria; DELCORIV, Núria Serre. **Associação entre distúrbios psíquicos e aspectos psicossociais do trabalho de professores.** Revista de Saúde Pública, v. 40, n. 5, p. 818-26, 2006.

DE LIMA, Liliana Correia; PEDAGOGA, P. D. E. **Interação Família-Escola:** Papel da família no processo ensino-aprendizagem. 2009.

FERREIRA, Cristiane Magalhães e GOULART, Íris Barbosa. **Adoecimento Psíquico de Professores:** um estudo de casos em escolas estaduais de educação básica numa cidade mineira. FACULDADES INTEGRADAS DE PEDRO LEOPOLDO, p. 1 a 87, 2011.

GASPARINI, Sandra Maria; BARRETO, Sandhi Maria; ASSUNÇÃO, Ada A. **O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde.** Educação e Pesquisa, v. 31, n. 2, p. 189-199, 2005.

GATTI, Bernardete A., **FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO BRASIL: CARACTERÍSTICAS E PROBLEMAS.** Educação & Sociedade [online] 2010, 31 (Outubro-Diciembre). Acesso em: 08 de setembro de 2016. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87315816016>> ISSN 0101-7330.

KAPCZINSKI, Flávio; IZQUIERDO, Iván; QUEVEDO, João. **Bases Biológicas dos Transtornos Psiquiátricos:** Uma Abordagem Translacional. Artmed Editora, 2009.

LEITE, Célio Rodrigues; LÖHR, Suzane Schmidlin. **Conflitos professor-aluno:** uma proposta de intervenção. Diálogo em Educação, v. 12, n. 36, p. 575-590, 2012.

LIPP, M. E. N. *et al.* **Estresse:** conceitos básicos. Pesquisas sobre estresse no Brasil. Saúde, ocupações e grupos de risco, Papyrus Editora, p. 17-31, 1996.

LIPP, Marilda Novaes. **O stress está dentro de você.** Editora Contexto, 2000. Disponível em:< <http://www.insightpsiquiatria.com.br/images/2014/pdfs/O-Stress-esta-Dentro-de-Voce.pdf> > Acesso em: 13 de setembro de 2016.

LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986. 99p.

MAFFIA, Lyovan Neves e PEREIRA, Luciano Zille. **Estresse Ocupacional:** Estudo com Gestores que Atuam nas Secretarias de Governo do Estado de Minas Gerais. (p. 1 a 16, 2013).

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros**. 2004. Trabalho apresentado ao II Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos, Bauru, 2004.

MARGIS, Regina *et al.* **Relação entre estressores, estresse e ansiedade**. Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, v. 25, n. 1, p. 65-74, 2003.

MARTINS, Maria das Graças Teles. **Sintomas de stress em professores brasileiros**. Revista Lusófona de Educação, Paraíba, Brasil, 10, 109-128, 2007.

MIRANDA, Elis Dieniffer Soares. **A influência da relação professor-aluno para o processo de ensino-aprendizagem no contexto afetividade**. Encontro de Iniciação Científica, v. 8, 2008.

NASSIF, Joana Carina Pereira. **A Relação Família-Escola no Desenvolvimento Psicossocial da Criança—Uma Revisão**. Unesc, pp. 1-50, 2010

OLIVEIRA, Dalila Andrade. **A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização**. Educação & Sociedade, v. 25, n. 89, p. 1127-1144, 2004.

OLIVEIRA, Gicileide Ferreira e FREITAS, Lêda Gonçalves. **Prazer e Sofrimento no Trabalho de Professores dos Anos Finais do Ensino Fundamental em uma Escola Pública do DF**. Universidade Católica de Brasília, p. 1 de 115, 2014.

PASCHOAL, Tatiane; TAMAYO, Álvaro. **Validação da escala de estresse no trabalho**. Estudos de psicologia, v. 9, n. 1, p. 45-52, 2004.

PETRUCCI, Giovanna Wanderley; BORSA, Juliane Callegaro; KOLLER, Sílvia Helena. **A Família e a escola no desenvolvimento socioemocional na infância**. Temas em Psicologia, v. 24, n. 2, p. 391-402, 2016.

RODRIGUES, William Costa *et al.* **Metodologia científica**. Paracambi: Faetec/ist, v. 40, 2007.

SOUZA, Aparecida Neri de *et al.* **Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil**. Educação & Sociedade, 2011.

THURLER, Monica Gather; PERRENOUD, Philippe. **Cooperação entre professores: a formação inicial deve preceder as práticas**. Cadernos de pesquisa, v. 36, n. 128, p. 357-375, 2006.

VALLE, Luiza Elena Leite Ribeiro do. **Estresse e distúrbios do sono no desempenho de professores: saúde mental no trabalho**. 2011. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

VYGOTSKY, Leontiev. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Martins Fontes Editora Ltda. São Paulo – SP, 1991.

WITTER, Geraldina Porto. **Professor-estresse: análise de produção científica**. Psicologia Escolar e Educacional, v. 7, n. 1, p. 33-46, 2003.